

Eurico Pereira<sup>(1,2)</sup>, José Rodrigues<sup>(1,2)</sup>, Alexandre Leite<sup>(2)</sup>, Aurora Futuro<sup>(2)</sup> e António Mateus<sup>(3)</sup>

(1) INETI – Serviços Geológicos, Apartado 1089, 4466 – 959 S. Mamede Infesta; (2) FEUP, Dep. Minas, Rua Dr. Roberto Frias, 4200 – 465 Porto; (3) FCUL, CREMINER, C2, Piso 5, Campo Grande, 1749 – 016 Lisboa

## RESUMO

A arqueologia mineira reflecte a influência de repetidas intervenções na exploração mineral, que mascaram parcial ou totalmente os vestígios de trabalhos pioneiros. O aperfeiçoamento das técnicas de exploração, tratamento e beneficiação de minérios, a par de factores económicos, sociais, estratégicos e de avanço do conhecimento geológico-mineiro, conduz frequentemente à retoma de explorações minerais, antes consideradas exauridas ou de rentabilidade negativa. Quando tal se verifica, o registo dos níveis estratigráficos de ocupação encontram-se violados e a progressão dos estudos de arqueologia mineira é fortemente condicionada, ficando à mercê de achados fortuitos de cronologia imprecisa.

Pesem embora estas incertezas, admite-se que a mineração dos depósitos da Faixa Piritosa Ibérica já tinha lugar no Calcolítico (3362-2156 *a.C.*), havendo indícios da sua exportação desde *ca* 3000 *a.C.*, praticada pelos fundadores da cultura de Almeria. É, porém, com a cultura do Vaso Campaniforme, 2100-1900 *a.C.*, considerada originária da Península Ibérica, que se consolida o uso de Au, Cu e Sn e, também, de âmbar. Os vasos campaniformes, associados a utensílios de bronze, encontram-se em túmulos da foz dos rios Mondego, Tejo e Sado.

O despertar de interesse pelas riquezas do NW peninsular, Au e Sn, cabe aos Minoenses, (*ca* 2000 *a.C.*). Mercadores por excelência e exercendo cabotagem do Mediterrâneo ao Atlântico, cedo tomaram consciência do valor destes metais para as civilizações do Oriente. Novos impulsos à indústria minero-metalúrgica são trazidos pelos sucessivos invasores da península, Tartessos (*ca* 1200 *a.C.*), Fenícios (*ca* 1100 *a.C.*) e Cartagineses. Estes últimos exploraram as riquezas do SW peninsular, em especial Ag, sobre que assentou o esplendor da sua sociedade. Destroem Tartessos (*ca* 220 *a.C.*) e estendem o seu domínio a todo o SW peninsular até serem expulsos por Aníbal (*ca* 218 *a.C.*). A partir daqui fica campo aberto às invasões Romanas.

Do período Romano, há relatos de Políbio (200 *a.C.*) e Estrabão (58 *a.C.* – 25 *d.C.*) sobre a actividade mineira do Sul da Ibéria. Plínio o Velho (23 *a.C.* – 79 *d.C.*) legou numerosa informação sobre jazigos de Ag e acerca das principais fontes de Cu da Faixa Piritosa.

As explorações Romanas, essencialmente, desenvolvidas no séc. I e II conduziram as explorações de algumas tipologias de jazigos ao limite do economicamente possível. O declínio da produção, sobretudo aurífera, verifica-se no séc. III e dita o abandono da lavra mineira no dealbar do séc. IV.

Com as invasões dos “povos bárbaros” e ocupação árabe da península, a actividade mineira tornou-se insignificante e assim permaneceu até à expulsão definitiva dos árabes da Península Ibérica (séc. XIII).